

Lula rebate as acusações de Collor

726
Telefoto de José Carlos Moreira

SÃO PAULO e PORTO ALEGRE — Luís Inácio Lula da Silva reagiu ontem indignado às declarações de Fernando Collor, que o acusara na véspera de tentar chegar ao poder com a luta armada:

— Ele está querendo baixar o nível da campanha porque é um menino que nasceu em berço de ouro e começa a ficar apavorado. Está usando o mesmo discurso que a direita rançosa fez em 64. Está assustado, com medo e preocupado com o confronto de idéias que vamos ter. Da minha parte, estou tranquilo porque o povo já me conhece.

Em Porto Alegre, em entrevista à Rádio Guaíba, Lula disse que “quem praticando derramamento de sangue é quem paga salário-mínimo, como a família de Collor nas suas empresas que andam matando trabalhador rural”.

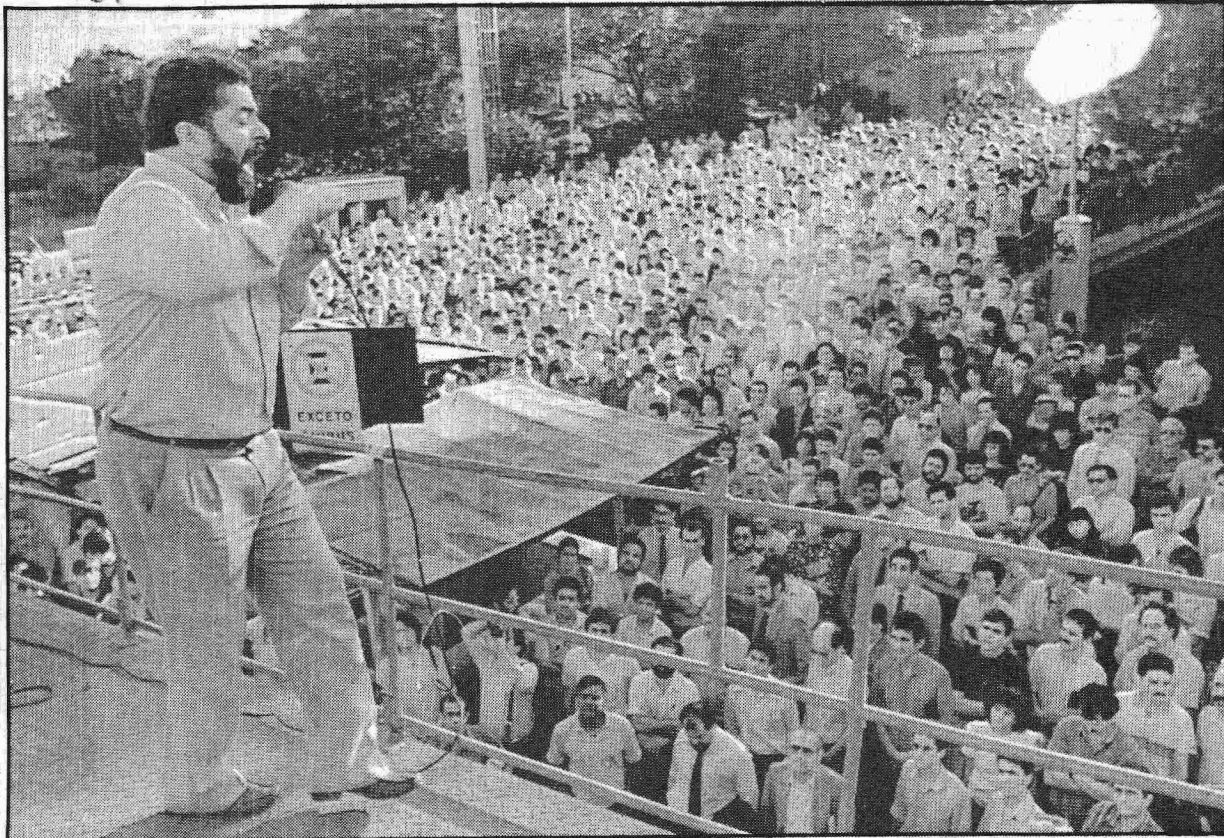
Ontem, Lula recolocou a campanha nas ruas. Voltou às portas da Volkswagen do Brasil, em São Bernardo do Campo, principal reduto do PT. Otimista com a possibilidade de se eleger, Lula amanheceu na Volks, onde fez seu primeiro discurso às 5 horas, quando chegavam à fábrica os horistas do turno das seis. Cerca de oito mil metalúrgicos pararam para ouvir o candidato, que lembrou o início de sua campanha no primeiro turno, no mesmo local, em abril.

— Não poderia iniciar a arrancada para a vitória do dia 17 de dezembro em outro lugar. Agora somos apenas dois candidatos. Nós, os que produzimos o pão no País e o representante dos que consomem esse pão.

Da Volks, Lula foi para a porta da Scania onde falou para cerca de 500 operários também do turno das 6 horas. Voltou a criticar Collor e se preocupou em desmentir os boatos de que é ateu e que, se eleito, acabará com as igrejas evangélicas.

As 7 horas, retornou à Volks para esperar os mensalistas (funcionários do setor administrativo e de engenharia) que entram às 8 horas. Estes trabalhadores estão incluídos na chamada classe média e foram os primeiros a ouvir um discurso minucioso do candidato, onde esclarece que não tem como meta expropriar os bens dessa classe, mas igualar o nível de vida “da classe trabalhadora ao da classe média”.

— O que é ser classe média? É ter casa, escola, saúde, acesso à cultura, tomar uma cervejinha depois do trabalho? Isto não é um privilégio, mas é o que queremos para todo mundo. O que não pode é 20 milhões de pessoas viverem e cem milhões vegetarem.



Na porta da Volks, em São Bernardo do Campo, Lula faz o primeiro discurso de campanha no segundo turno